



**Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Centro de Processos Seletivos**



MOBILIDADE ACADÊMICA EXTERNA 2010



Chalé de Ferro – NUMA
Foto de Manoel Neto

ÁREA V – CIÊNCIAS DAS HUMANIDADES III

Artes Visuais; Letras (Habilitação em: Língua Alemã, Língua Espanhola, Língua Francesa, Língua Inglesa e Língua Portuguesa); Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo).

LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTEs.

Este **Boletim de Questões** contém 40 questões objetivas, sendo 20 questões de Língua Portuguesa, 10 de Literatura e 10 de Filosofia, mais a Redação.

Confira se, além deste boletim, você recebeu o **Cartão-Resposta**, destinado à marcação das respostas das questões objetivas, e o **Formulário de Redação**, destinado à transcrição do texto definitivo da Redação.

Verifique se o seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no **Cartão-Resposta**. Em caso de divergência, notifique imediatamente o fiscal de sala.

A marcação do **Cartão-Resposta** e a transcrição do texto definitivo da Redação no **Formulário de Redação** devem ser feitas com caneta esferográfica de tinta preta ou azul.

O **Formulário de Redação** é o único documento considerado para a correção do texto da Redação. Este boletim deve ser usado apenas como rascunho.

O tempo disponível para esta prova é de **quatro horas**, com início **às 8 horas e término às 12 horas**, observado o horário de Belém/PA.

Reserve os 30 minutos finais para marcar seu **Cartão-Resposta**. Os rascunhos e as marcações assinaladas no **Boletim de Questões** não serão considerados na avaliação.

Edital n.º 07/2010 – UFPA

BOLETIM DE QUESTÕES

NOME DO(A) CANDIDATO(A)

N.º DE INSCRIÇÃO

MARQUE A ÚNICA ALTERNATIVA CORRETA NAS QUESTÕES DE 1 A 40.**LÍNGUA PORTUGUESA**

Leia o texto abaixo para responder às questões de 1 a 20.

Mordaças e palmadas

01 Aqui não vai crítica a pessoa alguma: vão dúvidas e preocupações – com povo e governo ou governos.
02 Democracia e liberdade. Conceitos difíceis, confusos, esquecidos e negligenciados. Leio, escuto, percebo aqui
03 e ali algum projeto de amordaçamento da imprensa, por exemplo. Logo que se manifesta, surgem protestos
04 e as garras se escondem de novo na manga. Mas a ideia volta mais adiante, e isso se repete. Vamos controlar
05 mais, via estado, os meios de comunicação: jornais, televisões, revistas, rádios. Isso de veicular qualquer coisa,
06 ou ter liberdade demais, não convém. O país ainda está imaturo, o povo, desinformado, vamos controlar isso.

07 Sim, o povo anda mal informado. O número de analfabetos é assustador, e mais uma vez,
08 cansativamente quem sabe, repito: alfabetizado não é quem assina o nome, mas quem assina o nome em um
09 documento que leu e compreendeu. Sua porcentagem neste país é um desastre. Investir em educação,
10 maciçamente, em vez de pensar em amordaçar os meios de comunicação, poderia ser uma ideia magnífica.
11 Escolas boas, professores estimulados, acesso fácil a todos, bons currículos, merenda farta, dia inteiro para os
12 mais desvalidos. Ensino médio de boa qualidade, acessível a todos, mesma coisa quanto a professores.
13 Universidade ótima, e escolas técnicas superiores abundantes: acabar com o preconceito de que todos temos
14 de ser bacharéis.

15 Esse seria o verdadeiro gesto de liberdade democrática para o país e o povo, jamais controlar a
16 manifestação livre de ideias, desejos, esperanças, necessidades e protestos. Nem querer nivelar por baixo nem
17 limitar, como pensar em reduzir ou até proibir sedes americanas nas TVs brasileiras: queremos o atraso, ser
18 Cuba ou Venezuela, ou nos integrar ao mundo mais adiantado, incentivar a boa produção de programas de TV
19 e de filmes brasileiros, em vez de cercear?

20 Outro tema, agora atualíssimo, é a interferência em assuntos tão pessoais quanto a educação dos
21 filhos. A mim o tema "palmada" parece um pouco ridículo, num momento de eleições iminentes, quando
22 precisamos estar sérios, lúcidos, focados no assunto "quem vai nos governar nos próximos quatro anos, como,
23 com que ideias e meios". Crianças e jovens, filhos em geral, já são protegidos por leis suficientes. Se elas não
24 forem respeitadas, e sua quebra não for punida, não vai adiantar nada inventar novidades. Vamos aplicar e
25 vigiar o que já existe. E não acho que o "projeto palmada" funcione sem grande confusão. Primeiro problema, o
26 do controle: quem vai denunciar pai ou mãe que derem palmada (e não pode nem aquela branda, carinhosa
27 chamada de atenção por cima da gorda fralda): o vizinho intrometido, a vizinha invejosa, a babá em aviso
28 prévio, a comadre neurótica, a sogra chata, o ex-cônjuge vingativo? Eu gostaria de saber, só para começar,
29 quem vai lidar com a avalanche de denúncias loucas, injustas e irreais que vão atravancar delegacias, postos
30 de polícia e semelhantes.

31 Violência às vezes se justifica, sim, como para controlar violência, segurar alucinados, prender
32 bandidos, dominar violentos assassinos. Mas nem mesmo violência verbal deveria reinar nas famílias: um
33 insulto pode doer bem mais do que um tapa, brigas entre os pais fazem mais mal do que uma palmadinha,
34 acreditem. Então, o conceito de que violência em casa é negativa e tem de ser punida já existe. Basta aplicar as
35 regras e leis. Mas a tal lei da palmada, me perdoem: parece-me irreal, inexequível, geradora de muita confusão
36 e de indevidas intromissões no lugar que deveria ser o mais nosso, o mais pessoal, nosso refúgio, nosso reino,
37 nosso santo dos santos: a casa, a família, o lar.

38 Mas como as coisas entre nós, e neste vasto mundo, andam mais para confusão e doideira do que para
39 lucidez e serenidade, como estamos mais violentos, policialescos, alucinados, assustados e assustadores do
40 que firmes, elegantes, sábios, pacíficos e ordenados, tudo pode ser esperado, tudo é possível, e vamos nos
41 habituando a viver na estranheza, na esquisitice, protegendo-nos como podemos de atos, fatos e ideias
42 bizarros.

LUFT, Lya. *Veja*, edição 2176; ano 43; nº 31; 04/08/2010

1 O texto *Mordaças e palmadas* nos remete a fatos recentes veiculados pela imprensa brasileira que são

- (A) os crimes violentos cometidos contra mulheres.
- (B) a lei da ficha limpa e a lei da palmada.
- (C) projetos de lei com objetivo de restringir a liberdade de imprensa e a lei da palmada.
- (D) a lei da palmada e a lei de incentivos fiscais.
- (E) leis que propõem o amordaçamento da imprensa e a lei da ficha limpa.

2 O texto argumenta em favor da liberdade defendendo duas ideias centrais. As ideias em questão são

- (A) liberdade de imprensa e controle da vida do cidadão.
- (B) o analfabetismo e a democracia.
- (C) interferência do Estado em assuntos pessoais e investimento em educação.
- (D) liberdade de expressão e não intromissão do Estado em esferas privadas da vida do cidadão.
- (E) o amordaçamento da imprensa e a lei da palmada.

3 Ao se afirmar “[...] alfabetizado não é quem assina o nome, mas quem assina o nome em um documento que leu e compreendeu.” (linhas 08 e 09) pressupõe-se que

- (A) há quem considere que só saber assinar o nome já é ser alfabetizado.
- (B) alfabetizado é quem sabe ler mesmo não sabendo escrever.
- (C) o povo brasileiro é mal informado.
- (D) a maioria dos brasileiros não sabe assinar o próprio nome.
- (E) alfabetizado é quem interpreta qualquer tipo de signo.

4 Na oração “Logo que se manifesta, [...]” (linha 03) o sujeito foi omitido porque pode ser recuperado pelo contexto não sendo, portanto, necessária a sua repetição. Com base nisso, pode-se afirmar que o sujeito da oração em questão é

- (A) democracia
- (B) projeto de amordaçamento da imprensa
- (C) liberdade
- (D) governo
- (E) crítica

5 Nos trechos “[...] e as garras se escondem de novo na manga.” (linha 04) e “[...] em vez de pensar em amordçar os meios de comunicação [...]” (linha 10), foi utilizado um recurso de que a nossa linguagem dispõe para dar maior expressividade às ideias. Esse recurso é

- (A) o discurso direto
- (B) a linguagem denotativa
- (C) a anáfora
- (D) o discurso indireto
- (E) a linguagem conotativa

6 O pronome possessivo *sua*, empregado no trecho “Sua porcentagem neste país é um desastre” (linha 09), refere-se a

- (A) povo
- (B) analfabetos
- (C) jornais
- (D) alfabetizado
- (E) rádios

7 O verdadeiro gesto de liberdade democrática para o país e o povo, segundo o texto, seria

- (A) desamordçar a imprensa.
- (B) nos integrarmos ao mundo mais adiantado.
- (C) controlar a manifestação livre das ideias.
- (D) investir em educação.
- (E) incentivar todos a se tornarem bacharéis.

8 Assinale a alternativa que melhor caracteriza a *lei da palmada*, de acordo com o texto.

- (A) Protege crianças e jovens.
- (B) Pode funcionar sem grande confusão.
- (C) Combate a violência doméstica contra as mulheres.
- (D) Inibe a intromissão indevida do Estado em assuntos pessoais.
- (E) Parece irreal, inexequível e geradora de confusão.

9 Em “O país ainda está imaturo, [...]” (linha 06) foi empregada a linguagem figurada. Identifique, entre as alternativas abaixo, a figura de linguagem presente neste trecho e sua função no texto.

- (A) metáfora – expressar uma comparação
- (B) ambiguidade – sugerir mais de um significado à mensagem
- (C) metonímia – substituir um termo por outro cujos sentidos estão logicamente relacionados
- (D) eufemismo – atenuar a ideia expressa por esta ser desagradável
- (E) ironia – expressar com essas palavras o contrário da ideia pretendida, de forma proposital

10 O demonstrativo *isso* em “O país ainda está imaturo, o povo, desinformado, vamos controlar isso.” (linha 06) foi empregado para

- (A) dar realce à ideia de liberdade.
- (B) dar ênfase a uma ideia a ser posteriormente expressa no texto.
- (C) se referir ao amordaçamento da imprensa.
- (D) retomar uma ideia anteriormente expressa no texto.
- (E) substituir a expressão *o país*.

11 O uso do superlativo *atualíssimo* (linha 20) ressalta

- (A) o quanto o assunto tratado é criticado.
- (B) o quanto o assunto tratado é recente.
- (C) que o assunto tratado não tem importância.
- (D) o quanto o assunto tratado é polêmico.
- (E) o quanto o assunto tratado é político.

12 No trecho “Mas a tal lei da palmada, me perdoem: parece-me irreal, inexecutável, geradora de muita confusão [...]” (linha 35), a palavra *inexecutável* nos leva a entender que a lei da palmada

- (A) não pode ser executada.
- (B) não pode ser justificada.
- (C) não pode ser evitada.
- (D) não pode ser controlada.
- (E) não pode ser tolerada.

13 A partícula *se* é empregada no texto com funções variadas, como podemos observar nos trechos abaixo.

- I. [...] e as garras *se* escondem de novo na manga. (linha 04)
- II. [...] e isso *se* repete. (04)
- III. *Se* elas não forem respeitadas [...], não vai adiantar nada inventar novidades. (linhas 23 e 24)
- IV. Violência às vezes *se* justifica, [...]. (linha 31)

Pode-se afirmar que a partícula *se* foi empregada para retomar uma ideia anteriormente expressa em

- (A) II, III e IV.
- (B) I, II e III.
- (C) I, III e IV.
- (D) II e III, apenas.
- (E) I, II e IV.

14 No texto são empregadas palavras *antônimas* para caracterizar a situação em que vivemos em contraste com a situação em que idealmente deveríamos viver. As palavras em questão são

- (A) confusão e doideira.
- (B) lucidez e serenidade.
- (C) confusão e serenidade.
- (D) confusão e violência.
- (E) estranheza e esquisitice.

15 O verbo *dar*, no trecho “[...] quem vai denunciar pai ou mãe que derem palmada [...]” (linha 26), se apresenta no modo subjuntivo porque

- (A) se refere a uma situação de difícil controle.
- (B) deve concordar com o sujeito *pai ou mãe*.
- (C) se refere a uma situação possível no futuro.
- (D) expressa um desejo.
- (E) expressa um fato que com certeza ocorrerá.

16 Analise os trechos abaixo.

- I. “Logo que se manifesta, surgem protestos [...]” (linha 03)
- II. “Se elas não forem respeitadas, [...], não vai adiantar nada inventar novidades” (linha 23 e 24)
- III. “[...] como estamos mais violentos, policiaiscos, alucinados, assustados e assustadores do que firmes, elegantes, sábios, pacíficos e ordenados, tudo pode ser esperado, [...]” (linhas 39 e 40)

Assinale a alternativa que indica, na ordem de I a III, a relação semântica exercida pela oração em destaque em relação à oração que a segue.

- (A) tempo, condição e causa
- (B) condição, finalidade e concessão
- (C) tempo, condição e concessão
- (D) concessão, consequência e condição
- (E) causa, condição e consequência

17 As palavras *mas* (linha 08), *mesmo* (linha 32) e *então* (linha 34) são empregadas no texto para relacionar ideias denotando respectivamente

- (A) relação de explicação, relação de oposição, relação de inclusão.
- (B) relação de causa, relação de explicação, relação de oposição.
- (C) relação de inclusão, relação de conclusão e relação de explicação.
- (D) relação de oposição, relação de inclusão e relação de conclusão.
- (E) relação de oposição, relação de inclusão e relação de explicação.

18 A conjunção *ou* é empregada várias vezes no texto para exprimir tanto a incompatibilidade como a equivalência entre as ideias por ela articuladas. Assinale a alternativa em que a conjunção *ou* estabelece uma relação de incompatibilidade entre as ideias.

- (A) “Aqui não vai crítica a pessoa alguma: vão dúvidas e preocupações – com povo e governo ou governos.” (linha 01)
- (B) “Isso de veicular qualquer coisa, ou ter liberdade demais, não convém.” (linhas 05 e 06)
- (C) “[...] como pensar em reduzir ou até proibir séries americanas nas TVs brasileiras [...]” (linha 17)
- (D) “[...] queremos o atraso, ser Cuba ou Venezuela, ou nos integrar ao mundo mais adiantado, [...]?” (linhas 17 e 18)
- (E) “[...] quem vai denunciar pai ou mãe que derem palmada [...]” (linha 26)

19 No texto, é abundante o uso de vírgulas com vários propósitos. Em qual das alternativas abaixo a vírgula foi utilizada para destacar uma expressão explicativa?

- (A) “Conceitos difíceis, confusos, esquecidos e negligenciados.” (linha 02)
- (B) “O país ainda está imaturo, o povo, desinformado, vamos controlar isso.” (linha 06)
- (C) “Escolas boas, professores estimulados, acesso fácil a todos, bons currículos, merenda farta, dia inteiro para os mais desvalidos.” (linha 11 e 12)
- (D) “Outro tema, agora atualíssimo, é a interferência em assuntos tão pessoais quanto a educação dos filhos.” (linhas 20 e 21)
- (E) “[...] quem vai lidar com a avalanche de denúncias loucas, injustas e irreais que vão atravancar delegacias, postos de polícia e semelhantes.” (linhas 29 e 30)

20 A palavra *já* na frase “Vamos aplicar e vigiar o que já existe.” (linhas 24 e 25) expressa ideia de

- (A) tempo.
- (B) inclusão.
- (C) intensidade.
- (D) modo.
- (E) afirmação.

LITERATURA

21 Leia a cantiga a seguir, de dom Dinis (1261-1325):

Coitada viv', amigo, por que vós nom vejo,
e vós viveades coitad' e com gram desejo
de me veer e me falar; e porem seja
sempr' em coita tam forte

5 que nom m' é se nom morte,
come quem viv', amigo, em tam gram desejo.

Por vós veer, amigo, vivo tam coitada,
e vós por mi veer, que oi mais nom é nada
a vida que fazemos; e maravilhada

10 são de como vivo
sofrendo tam esquivo
mal, ca mais mi valrria de nom seer nada.

Por vós veer, amigo, nom sei quem sofresse
tal coita qual eu sofr' e vós, que nom morresse;

15 e com aquestas coitas eu, que nom nacesse,
nom sei de mim que seja,
e da mort' ei enveja
a tod' ome ou molher que ja morresse.
(CBN 0593 e CV 0196)

(In: LANG, Henry. *O cancionero de el-rei dom Dinis*. Strassburg: Halle, 1892. p. 92.)

Vocabulário:

sejo = estou; são = sou; valrria = valeria; qual = como; aquestas = estas; ei = tenho; ome = homem.

Acerca do poema de dom Dinis, é correto concluir:

- (A) O trecho “nom é nada / a vida que fazemos” (versos 8 e 9) refere-se à dor da ausência da pessoa amada, tema recorrente no lirismo trovadoresco.
- (B) O desejo de ver a pessoa amada limita-se ao eu lírico feminino, como se vê no verso 1: “Coitada viv', amigo...”.
- (C) O “esquivo mal” relaciona-se à impossibilidade de a moça ver o amado, dado o fim do relacionamento amoroso.
- (D) No verso 14, a expressão “tal coita qual eu sofr(o)” segue padrões estéticos da cantiga de amor.
- (E) O sofrimento amoroso condena o eu lírico masculino à solidão e à angústia, como se vê em “nom sei quem sofresse / tal coita [...] que nom morresse” (versos 13 e 14).

22 O protagonista da peça *O velho da horta* (1512), de Gil Vicente (?1465-1536), não é uma personagem uniforme, nas palavras de Zimic, estudioso deste autor:

“Pensamos que o Velho não é uma personagem uniforme na sua condição e maneira de ser, sem qualquer possibilidade de mudanças significativas, enfim, um fantoche cômico do princípio ao fim. Na sua atuação há atitudes que respondem a impulsos diferentes nos vários momentos da peça. Devem distinguir-se pelo menos três fundamentais: antes do encontro com a Moça, durante a obsessão amorosa e, por fim, depois do reconhecimento do erro.” (ZIMIC, Stanislav. *O velho da horta*. In: BERNARDES, José Augusto Cardoso et alii. *Ensaios vicentinos*. Coimbra: A Escola da Noite, 2003. p. 104-105.)

Acerca dessa peça, assinale a alternativa que exemplifica a atitude do protagonista depois do reconhecimento do erro:

- (A) “Jesus! Jesus! Que coisa é essa? / E que prática tão avessa da razão! / Falai, falai doutra maneira! / Mandai-me dar a hortaliça.”. (vv. 58-61)
- (B) “Ide-lhe, logo, falar / E fazei com que me queira, / Que pereço; / E dizei-lhe que lhe peço”. (vv. 605-608)
- (C) “Já perto sois de morrer. / Donde nasce esta sandice, / Que, quanto mais na velhice, / Amais os velhos viver?”. (vv. 119-122)
- (D) “Quanto for mais avisado / Quem d’amor vive penando, / Terá menos siso amando, / Porque é mais namorado. / Em conclusão: / Que amor não quer razão.”. (vv. 139-144)
- (E) “Quero-me ir buscar a morte, / Pois que tanto mal busquei. / Quatro filhas que criei / Eu as pus em pobre sorte. / Vou morrer, [...] / Elas hão de padecer, / Porque não lhe deixo nada;”. (vv. 773-9)

23 Leia o texto a seguir acerca de Gregório de Matos Guerra (c. 1633-1696):

“Desfilaram sob o cautério impiedoso os ermitões de água turva, os pregadores de cartapácio [carta grande], os confessores e os falsos santarrões; calcinou e descarnou as debilidades do mau clero, o relaxamento da ordem beneditina [...] Quando Gregório aportou à Bahia pela segunda vez, em 1681, era a Bahia um cadinho de vícios, de elementos étnicos diversos, de miséria política e de grandeza econômica.” (SPINA, Segismundo. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Niterói: UFF, 1986. v. 2, p. 118).

Considerando o texto de Spina sobre os tipos satíricos em Gregório de Matos, a alternativa que contém referência aos “pregadores de cartapácio” é:

- (A) “Se virdes um Dom Abade / sobre o púlpito cioso, / não lhe chameis Religioso, / chamai-lhe embora de Frade: / e se o tal Paternidade / rouba as rendas do Convento”. (MATOS, 1969, v. 1, p. 8)
- (B) “A cada canto um grande conselheiro, / Que nos quer governar cabana, e vinha, / Não sabem governar sua cozinha, / E podem governar o mundo inteiro.” (MATOS, 1969, v. 1, p. 3)

- (C) “Quer-me mal esta cidade... pela verdade, / Não há, quem me fale, ou veja... de inveja, / E se alguém me mostra amor... é temor.” (MATOS, 1969, v. 1, p. 29)
- (D) “À Bahia aconteceu / o que a um doente acontece, / cai na cama, o mal lhe cresce, / Baixou, subiu, e morreu.” (MATOS, 1969, v. 1, p. 33)
- (E) “Entre as partes do todo a melhor parte / Foi a parte, em que Deus pôs o amor todo, / Se na parte do peito o quis pôr todo, / O peito foi do todo a melhor parte.” (MATOS, 1969, v. 1, p. 43)

24 Leia o texto a seguir, de Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), autor de cerca de cem sonetos que adotam, em linhas gerais, o formalismo estético, próprio do Arcadismo:

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,
Em meus versos teu nome celebrado;
Por que vejas uma hora despertado
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,
Fresco assento de um álamo [árvore] copado;
Não vês ninfa cantar, pastar o gado
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pálidas areias
Nas porções do riquíssimo tesouro
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

(COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras*. In: *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 51-2)

Acerca do soneto transcrito, é correto afirmar:

- (A) A expressão “vasto campo da ambição” expressa uma preocupação crítica em relação à situação política no Brasil colonial.
- (B) Expressões como “pátrio Rio” apontam a presença de emoções e valores vinculados à paisagem brasileira, apesar do universalismo artístico da época.
- (C) Os versos “Não vês ninfa cantar, pastar o gado / Na tarde clara do calmoso [quente] estio.” confirmam que, na poética do autor, não há contraste entre as paisagens brasileira e europeia.
- (D) O eu lírico expressa sua convicção de que a cultura brasileira não valoriza a produção poética de caráter não-europeu, como se vê em “O sono vil do esquecimento frio”.
- (E) O abandono do formalismo, característico da poesia arcadista, pode ser constatado pela adoção de referências à cultura clássica, como “o planeta louro”.

25 Leia o texto que segue:

“Na *Canção do Exílio*, Gonçalves Dias já não é o homem culto, “discreto”, no meio rústico brasileiro, sentindo-se exilado na própria terra [...] É agora o homem culto nascido no meio rústico, sentindo-se exilado na Europa, a compará-la nostalgicamente com a sua terra, da qual ressalta os elementos representativos e simbólicos da sua rusticidade: palmeiras e sabiás. No poema *O Canto do Índio* o autor inverte a situação do branco que procura escravizar a índia que cobiça. Encena o canto de um rei indígena a uma branca que deseja e por quem, em troca do seu amor, se deixaria escravizar.”

(RONCARI, Luiz. *Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2002. p. 379.).

A inversão apontada pelo crítico no segundo poema citado está presente em:

- (A) “Nosso céu tem mais estrelas, / Nossas várzeas tem mais flores, / Nossos bosques tem mais vida, / Nossa vida mais amores.”. (DIAS, 1998, p. 105)
- (B) “E o Piaga se ruge / No seu maracá, / A morte lá paira / Nos ares frechados, / Os campos juncados / De mortos são já.”. (DIAS, 1998, p. 108)
- (C) “Mas queiras tu ser minha, que eu prometo / Vencer por teu amor meu ódio antigo, / Trocar a maça do poder por ferros / E ser, por te gozar, escravo deles.”. (DIAS, 1998, p. 113)
- (D) “Tupã, ó Deus grande! teu rosto descobre: / Bastante sofremos com tua vingança! / Já lágrimas tristes choraram teus filhos / Teus filhos que choram tão grande mudança.”. (DIAS, 1998, p. 114)
- (E) “Teus filhos valentes causavam terror, / Teus filhos enchiam as bordas do mar, / As ondas coalhavam de estreitas igaras [canoas], / De frechas cobrindo os espaços do ar.” (DIAS, 1998, p. 114)

26 O livro *Últimos Sonetos* (1905), de João da Cruz e Sousa (1861-1898), principal autor do Simbolismo brasileiro, representa o momento final da produção poética desse autor. Leia-se o poema a seguir, extraído desta coletânea:

CÁRCERE DAS ALMAS

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha e, sonhando, as imortalidades
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossais e abandonadas,
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!
Nesses silêncios solitários, graves,
que chaveiro do Céu possui as chaves
para abrir-vos as portas do Mistério?!

(SOUSA, João da Cruz e. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. p. 188.)

Acerca da interpretação do poema, é correto afirmar:

- (A) A imagem das almas “presas, mudas e fechadas” traduz um resquício realista, numa poesia eminentemente simbolista.
- (B) As metáforas que traduzem intensa dor e fechamento, como cárcere, grades, prisões, calabouço, etc., dizem respeito à dimensão física do ser humano.
- (C) O calabouço é o lugar metafórico da dor humana, como se vê em “Da Dor no calabouço, atroz, funéreo.”. (verso 11).
- (D) A referência a “portas do Mistério” e “almas” evidencia, em Cruz e Sousa, uma herança parnasiana.
- (E) A imagem das “prisões colossais e abandonadas” reveste-se de um caráter de crítica social, comum em Cruz e Sousa.

27 João Gaspar Simões, ao situar Cesário Verde (1855-1886) na poesia portuguesa da segunda metade dos Oitocentos, afirma:

“Se nas quintilhas de *Num Bairro Moderno* ainda se desvia da pintura exata do real, derivando do descritivo, por assim dizer objetivo, das ruas da cidade [...] daí para diante, especialmente na série de ‘esbocetos’ [pequenos esboços], que debuxa [esboça] nas estrofes em decassílabos e alexandrinos de *O Sentimento dum Ocidental*, os seus versos tornam-se como que uma notação imparcial da realidade, em que a imaginação só intervém para associar os pormenores do mundo sensível numa perspectiva sentimental.” (SIMÕES, João Gaspar. *História da Poesia Portuguesa*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1955-1959. v. 3, p. 25-6.).

A “notação imparcial”, associada ao espaço urbano, a que se refere o crítico português se comprova no seguinte excerto:

- (A) “Vazam-se os arsenais e as oficinas; / Reluz, viscoso, o rio; apressam-se as obreiras; / E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras, / Correndo com firmeza, assomam as varinas.”.
- (B) “Talvez já te esquecesses, ó bonina, / Que viveste no campo só comigo, / Que te osculei a boca purpurina, / E que fui o teu sol e o teu abrigo.”.
- (C) “Esta aborrece quem é pobre. Eu, quase Job, / Aceito os seus desdêns, seu ódios idolatro-os; / E espero-a nos salões dos principais teatros, / Todas as noites, ignorado e só.”.
- (D) “E a tua cabeleira, errante pelas costas, / Suponho que te serve, em noites de Verão, / De flácido espaldar aonde te recostas / Se sentes o abandono e a morna prostração.”.
- (E) “E assim passa, chorando, as noites belas, / Sonhando uns tristes sonhos doloridos, / E a reflectir nas góticas janelas / As estrelas dos céus desconhecidos.”.

28 Leia o poema, a seguir, de Mário Faustino (1930-1962), retirado de *O homem e sua hora*, coletânea de 21 poemas, e o comentário crítico que o acompanha:

NAM SIBYLLAM [= De fato Sibila]

Lá onde um velho corpo desfraldava
As trêmulas imagens de seus anos;
Onde imaturo corpo condenava
Ao canibal solar seus tenros anos;
5 Lá onde em cada corpo vi gravadas
Lápides eloquentes de um passado
Ou de um futuro arguido pelos anos;
Lá cândidos leões alvijubados [juba branca]
Às brisas temporais se espedaçavam
10 Contra as salsas [salgadas] areias sibilantes;
Lá vi o pó do espaço me enrolando
Em turbilhões de peixes e presságios —
Pois na orla do mundo as delatantes
Sombras marinhas, vagas, me apontavam.

(In: FAUSTINO, Mário. *Poesia Completa*. São Paulo: Max Limonad, 1985. p. 172.)

“Nam Sibyllam’ [...] é estruturado à base de antíteses: ‘velho corpo/ imaturo corpo; trêmulas imagens dos seus anos/tenros anos; lápides eloquentes de um passado/(lápides) de um futuro arguido pelos anos’, e, também, de metáforas, por excelência. [...] De todos os sete sonetos [...] é em ‘Nam Sybillam’ que aparece o maior número de adjetivos, cujo emprego, já vimos, é feito com extrema sobriedade na poesia de Mário Faustino. // São, ao todo, doze, usados com habilidade, não como simples adorno, mas como elementos que realçam e acrescentam algo aos substantivos por ele qualificados. // É de destacar, entre todos, o emprego de dois no verso 10: “Contra as **salsas** areias **sibilantes**”, de belo valor aliterativo. [...] // ‘Nam Sybillam’ é poema que fala de vida e morte, sem qualquer localização espaço-temporal definida. Deve sua beleza, sobretudo, à colocação das palavras no verso, da qual decorre uma modulação rítmica das mais perfeitas na poesia faustiniana.”. (CHAVES, Albeniza de Carvalho e. *Tradição e modernidade em Mário Faustino*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1986. p. 104 s.)

Considerando o poema em causa e o texto crítico que o segue, é CORRETO afirmar:

- (A) Albeniza Chaves considera que o uso de adjetivos, no poema, é de caráter decorativo, uma vez que estes não acrescentam valor expressivo aos substantivos.
- (B) A ausência de uma localização espaço-temporal precisa é indicada, no texto poético, pela reiteração da expressão “lá” (vv. 1, 5, 8 e 11).
- (C) A antítese, no poema de Mário Faustino, é um recurso raro, que aparece apenas nos versos 1 e 2.
- (D) A metáfora “cândidos leões alvijubados” baseia-se em elementos coloquiais que destoam do conteúdo do poema.
- (E) A modulação rítmica do poema, segundo Albeniza Chaves, segue um padrão tradicional, oposto ao preconizado pelo Modernismo.

29 Em “O lutador”, poema publicado na coletânea *José* (1942), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) empreende uma reflexão em torno da palavra poética, interrogando a relação conflitiva entre esta e o escritor. Assinale a alternativa que exemplifica a consciência dolorosa, por parte do eu lírico, de que a luta com a palavra tem sempre adiada a sua definição:

- (A) “Palavra, palavra / (digo exasperado), / se me desafia, / aceito o combate. / Quisera possuir-te / neste descampado, / sem roteiro de unha / ou marca de dente / nessa pele clara.”. (vv. 38-46)
- (B) “Iludo-me às vezes, / pressinto que a entrega / se consumara. / Já vejo palavras / em coro submisso, / esta me ofertando / seu velho calor, / outra sua glória”. (vv. 61-68)
- (C) “e um sapiente amor / me ensina a fruir / de cada palavra / a essência captada, / o sutil queixume. / Mas ai! é o instante / de entreabrir os olhos.”. (vv. 72-78)
- (D) “Deixam-se enlaçar, / tontas à carícia / e súbito fogem / e não há ameaça / e nem há sevícia / que as traga de novo / ao centro da praça.”. (vv. 16-22)
- (E) “O ciclo do dia / ora se conclui / e o inútil duelo / jamais se resolve. / O teu rosto belo, / ó palavra, esplende / na curva da noite / que toda me envolve.”. (vv. 81-82)

30 O texto a seguir foi retirado de “Campo Geral”, texto inicial de *Corpo de Baile* (1956), de Guimarães Rosa (1908-1967):

Pai encabou uma enxada pequena. — “Amanhã, amanhã, este menino vai ajudar, na roça.” Nem triste nem alegre, lá foi Miguilim, de manhã, junto com Pai e Luisaltino. — “Teu eito é aqui. Capina.” Miguilim abaixava a cabeça e pelejava. Pai nunca falava com ele, e Miguilim preferia cumprir calado o desgosto, e aguentar o cansaço, mesmo quando não estava podendo. Sempre a gente podia, desde que não se queixasse. [...] Descalço, os pés de Miguilim sobravam cheios de espinhos. E com aquele calor a gente necessitava de beber água toda hora, a água da lata era quente, quente, não matava direito a sede. Sol a sol — de tardinha voltavam, o corpo de Miguilim doía, todo moído, torrado. Vinha, com uma coisa fechada na mão. — Que é isso, menino, que você está escondendo?” — “É a joaninha, Pai.” — “Que joaninha?” Era o besourinho bonito, pingadinho de vermelho. — “Já se viu?! Tu há de ficar toda-a-vida bobo, ô panasco [paspalho]?!” — o Pai arreliou. E no mais ralhava sempre, porque Miguilim não enxergava onde pisasse, vivia escorregando e tropeçando, esbarrando, quase caindo nos buracos.”

(ROSA, João Guimarães. “Campo Geral”. In: *Corpo de Baile*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. v. 1, p. 112).

Levando em conta o trecho transcrito, é correto afirmar:

- (A) O trecho exemplifica a diferença entre o mundo da criança e o do adulto diante da realidade do trabalho, ainda que aquela se curve à vontade deste.
- (B) Miguilim é considerado “bobo”, “panasco” pelo pai, por ser incapaz de trabalhar e de ajudar no sustento da família, e refugia-se no mero devaneio.
- (C) A reiteração do gerúndio em “vivia escorregando e tropeçando, esbarrando, quase caindo nos buracos” expressa que o pai de Miguilim aceita, com bom humor, a limitação visual do filho.
- (D) A expressão “Miguilim abaixava a cabeça e pelejava.” indica que a percepção poética da realidade desaparece, cedendo lugar à racionalidade adulta.
- (E) A descrição da joaninha como “besourinho bonito, pingadinho de vermelho”, com sua notação cromática, altera o foco narrativo da narrativa, até este momento centrado no pai de Miguilim.

FILOSOFIA

31 Descreve-se o processo que dá origem à filosofia moderna como uma virada temática radical que tem entre suas referências mais importantes o *Discurso do método*, de Descartes. O filósofo e matemático inicia suas reflexões acerca da ciência duvidando da realidade objetiva de tudo, até reconhecer no pensamento uma instância cognitiva segura e indubitável. Ele descobre assim a importância da subjetividade e faz dela o grande tema de sua teoria do conhecimento.

De acordo com o exposto, é correto afirmar:

- (A) Sem a descoberta da subjetividade, seria impossível a ciência moderna da natureza como conhecimento empírico.
- (B) A ciência, de Descartes até os nossos dias, exige o aprofundamento da compreensão de nossa subjetividade.
- (C) Não há como conceber o que venha a ser um método rigoroso antes da descoberta cartesiana da *cogito*.
- (D) Descartes assenta definitivamente a ciência moderna sobre a tese relativista de que o homem é a medida para todas as coisas.
- (E) Sem as funções lógicas do pensamento, não há como garantir a validade objetiva do nosso conhecimento.

32 Uma das funções mais importantes da ciência é a de prever, baseada no consistente conhecimento de redes causais entre fenômenos passados, novos acontecimentos futuros. De acordo com isso, julgue as afirmativas abaixo considerando a dificuldade de reconhecimento epistemológico das ciências humanas.

- I. Diferente das ciências da natureza, as ciências humanas não tratam, propriamente, de fenômenos.
- II. Diferente das ciências da natureza, em que compor redes causais é descrever elos sucessivos controláveis, as ciências humanas interpretam ocorrências correlacionadas sem poder controlá-las.
- III. Embora a noção de experimentação como base para inferências, em ambas, seja a mesma, no caso das ciências humanas os experimentos que fornecem o apoio para os nossos raciocínios devem ser livres.
- IV. Enquanto as ciências da natureza fazem projeções seguras, as ciências humanas lidam com expectativas.
- V. Enquanto a base de certeza das ciências da natureza é a matemática, não há como reduzir fenômenos humanos a quantidades.

São corretas as afirmativas

- (A) I e V.
- (B) II e III.
- (C) II e IV.
- (D) IV e V.
- (E) II, IV e V.

33 Toda teoria científica é uma tentativa de unificar proposições gerais concernentes a fenômenos em um campo especializado. Mas a forma como isso se dá pode ser interpretada de diferentes maneiras. Em vista disso, julgue as afirmativas:

- I. Para as vertentes racionalistas, uma teoria científica é, por natureza, um sistema dedutivo com o qual tentamos explicar fatos observáveis.
- II. Para as vertentes empiristas, embora os sistemas teóricos formem estruturas lógicas em si mesmas autônomas, a forma dessa autonomia é inferida de experiências particulares acumuladas com o tempo.
- III. Para as vertentes racionalistas, o mundo pode ser reduzido a um sistema lógico-matemático no qual se abstrai, como dispensáveis, todas as manifestações aparentes dos fenômenos observáveis.
- IV. Para as vertentes empiristas, as teorias científicas são proposições de unidades explicativas para fenômenos, mas têm um caráter meramente geral e provisório.
- V. Para as vertentes racionalistas, as nossas experiências sensíveis, por serem enganosas e muitas vezes ocasionais, estão totalmente fora do domínio de explicação científica.

São corretas as afirmativas

- (A) I, II e V.
- (B) II e IV.
- (C) I, III e V.
- (D) I e IV.
- (E) I, II e IV.

34 Um dos pontos mais importantes da filosofia prática de Kant é a distinção entre comportamento legal e comportamento moral. Isso pode ser explicado pelo fato de que

- (A) o comportamento humano, do ponto de vista moral, varia conforme o tempo, enquanto as leis jurídicas devem ser sempre estáveis.
- (B) as leis jurídicas têm um caráter público e objetivo, enquanto os princípios morais devem ser máximas subjetivas estritamente individuais.
- (C) as leis estatais moldam nossa consciência visando à vida em comum, enquanto o comportamento moral deve poder expressar a personalidade de cada um.
- (D) o comportamento legal é sempre condicionado por uma coação externa e mecânica, enquanto o comportamento moral exige um princípio interno e espontâneo.
- (E) as regras jurídicas estatais dependem de cada constituição, enquanto os valores que regem o comportamento moral derivam da tradição.

35 Apesar da importância da ideia de finalidade para a Ética, segundo Aristóteles, não é pela escolha dos fins que revelamos nossa disposição moral. Isso se deve ao fato de

- (A) os fins mais elevados estarem acima da nossa vontade.
- (B) os nossos desejos serem, na maioria das vezes, irracionais e involuntários.
- (C) serem os meios aquilo acerca do que deliberamos e escolhemos voluntariamente.
- (D) só deliberarmos sobre aquilo que desejamos.
- (E) ao escolhermos os fins, automaticamente, escolhermos os meios para atingi-los.

36 A expressão “experiência estética” é comum na filosofia da arte contemporânea. Mas ela pode conter ambiguidades, pois ambos os termos que a formam estão, desde os gregos, ligados à teoria do conhecimento e da ciência, e não à filosofia da arte. Diante disso, analise as afirmativas sobre a relação entre os termos estética e experiência.

- I. Em filosofia da arte, trata-se de uma conexão meramente simbólica e indireta.
- II. Em teoria da ciência, trata-se de um vínculo arbitrário porque é impossível ao cientista querer explicar o mundo sem levar em conta a experiência.
- III. Em filosofia da arte, as expressões têm a ver com a determinação de uma unidade para a experiência, que é independente de conceitos.
- IV. Em teoria da ciência, as expressões indicam as bases para um juízo de valor e qualitativo.
- V. Em filosofia da arte, as expressões indicam o caráter essencialmente intuitivo da base para nossos juízos.

São corretas as afirmativas

- (A) I e II.
- (B) I e V.
- (C) I, II e V.
- (D) II, III e IV.
- (E) III e V.

37 De acordo com Kant não existe uma ética da felicidade. Julgue as afirmativas abaixo com base no que Kant considerava felicidade.

- I. Só pode ser pensada em conexão com condições empíricas do exercício do nosso arbítrio.
- II. É um princípio unificador dos fins de nossas inclinações.
- III. Impõe à razão a tarefa de fornecer para nossas ações leis meramente pragmáticas.
- IV. É um estado de espírito inalcançável neste mundo.
- V. É uma obrigação do Estado.

São corretas as afirmativas

- (A) I, V e III.
(B) I, II, III.
(C) I, II, IV e V.
(D) III, IV e V.
(E) I, II, III e V.

38 Todo juízo estético ou de gosto é, de acordo com sua estrutura lógica, uma forma singular de pensamento. Isso se deve ao fato de que

- I. o juízo estético, por definição, é um juízo de experiência, e a experiência sempre nos oferece objetos particulares.
- II. o juízo estético é um juízo objetivo e de modo algum abstrato.
- III. o juízo estético é uma modalidade de pensamento que depende da percepção de um objeto que é exclusivo.
- IV. o juízo estético é uma modalidade de pensamento que nunca pode ser antecipada por conceito algum.
- V. no juízo estético temos uma modalidade de pensamento inteiramente livre de regras.

Estão corretas as afirmativas

- (A) I e III.
(B) II e V.
(C) III, IV e V.
(D) I, II e IV.
(E) I e IV.

39 Aceita-se, principalmente após Kant e Hegel, que o objeto artístico é tanto mais real quanto se apresenta como objeto ideal. A consequência lógica dessa interpretação acerca da natureza de tal objeto é:

- I. Todo e qualquer objeto de arte, na medida em que é autêntico, é uma idealidade.
- II. No objeto de arte, mesmo a sua matéria sensível é pura forma.
- III. No objeto artístico, a forma subordina o conteúdo material.
- IV. O objeto artístico não depende das nossas sensações e percepções imediatas.
- V. Para produzir seu objeto, o artista só depende de sua imaginação.

São corretas as afirmativas

- (A) I e II.
(B) I e V.
(C) I, III e V.
(D) I e III.
(E) II e IV.

40 A questão chave no chamado “juízo estético” é a que diz respeito à relação entre a sensibilidade e o pensamento. Com relação a esse tema central em toda teoria estética, é correto afirmar:

- (A) Embora o termo “estética” esteja associado à sensibilidade, o fato de falarmos em “juízo” estético supõe um condicionante lógico, subordinando nossa apreciação do objeto ao pensamento.
- (B) A filosofia da arte, como em geral os outros domínios da filosofia, na medida em que exige a atividade do pensamento, exige um princípio objetivo para nossos juízos estéticos.
- (C) Devido à natureza do juízo estético, nele nota-se uma inversão na relação de dependência entre pensamento e sensibilidade.
- (D) Como no caso do gosto estético, o prazer está assentado na sensibilidade e é, por natureza, essencialmente sensível; o pensamento é um mero apêndice à satisfação imediata.
- (E) Como todo juízo *a priori*, o estético supõe uma prontidão formal do pensamento a ser, posteriormente, preenchida pela matéria sensível da arte.

REDAÇÃO



O texto *Mordaças e palmadas* argumenta contra a intromissão do Estado na vida particular do cidadão, mais especificamente na educação das crianças por seus pais, questionando a *lei da palmada*. Até que ponto o Estado tem o direito de interferir na vida privada dos cidadãos? Em que medida a responsabilidade sobre a educação das crianças deve ser dos pais ou do Estado? Em vista desse questionamento, escreva um texto em prosa em que você argumente a favor de um limite no que diz respeito à interferência do Estado na educação que os pais devem dar a seus filhos.

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	